

FORA DE MODA

• Rubem Braga

Viajando, há tempos, pelo interior do Espírito Santo, mandei o carro parar para ver uma povoação nascendo. Junto a uma serraria já se alinhavam vinte ou trinta casas; um morro ainda estava coberto do verde-escuro de uma bela floresta onde as quaresmeiras punham sua graça triste, mas de outro lado uma lavoura nova ia crescendo entre toros queimados, e na várzea havia um arrozal viçoso, e mais além bois pastando, um campo de futebol, uma pequena manga de porcos. Depois tocamos pela estrada, aberta em plena mata. E uns três quilômetros adiante notei, em um lugar deserto, uma dessas pequenas escolas rurais que o Ministério da Educação andou, há muitos anos, espalhando por todo o Brasil. Perguntei ao meu guia porque haviam feito a escola ali.

— Essa escola é da povoação. Mas a sede da fazenda do chetão político daqui é do lado de lá daquele morro onde v. está vendo uma cerca de bambual...

O homem arranjara com o governo para fazer uma escola ali, e tratara de a localizar pertinho de sua casa, para comodidade de seus filhos. Os meninos da povoação devem andar meia légua para chegar até ela.

O caso, em si mesmo, é completamente banal. Aquela escolinha solitária na beira da estrada é bem um trecho da paisagem brasileira. Essa alegre e folgada noção de uso e abuso pessoal da coisa pública está tão firme em nossos hábitos que a gente pobre é a primeira a achar natural tudo o que acontece. A escolinha longe do povoado e perto da fazenda não fica mal ao chefe; pelo contrário, é uma prova, em pedra e cal, de seu prestígio. E com essa prova o prestígio até aumenta...

No mais, devo dizer que a roça está tranqüila. Até um ano e meio atrás o problema brasileiro mais desesperadamente urgente de resolver era o da Reforma Agrária. Toda gente discutia isso, inclusive os bispos. Quando a Revolução ganhou, seu primeiro cuidado foi dizer que também era a favor da Reforma Agrária. Depois se aprovou uma lei mais ou menos inócua e... se esqueceu o problema.

O trabalhador rural, que em alguns pontos do país chegou a pensar em ter certos direitos, recolheu-se à sua insignificância. Que poderíamos fazer por êle? No momento nada: êle está fora de moda...

DN - 10.7.65